



**GAUCHAZH.**

Leia todas as colunas em  
gauchazh.com/paulogermano

paulo.germano@zerohora.com.br  
facebook.com/PGpaulogermano  
gauchazh.com/paulogermano

# PAULO GERMANO



LEONARDO PENNER

## O PIOR SENTIMENTO DO MUNDO

**N**ão há sentimento mais angustiante, opressivo e cruel do que a paixão. É horrível. O peito se espreme todo, a garganta fecha, o coração parece uma máquina de lavar roupa e todos os outros prazeres da vida não valem mais nada – vive-se apenas para aquela pessoa.

É como se a nossa personalidade entrasse em greve. Sair com os amigos não é mais importante, o futebol não é mais importante, até o trabalho e a família deixam de ser importantes. Só a pessoa vira importante. A paixão nos sonega a autonomia, a independência, o controle sobre a própria existência. Fabrício Carpinejar, meu amigo, deve concordar com isso.

Liguei para ele.  
– A paixão é a maior solidão do homem – começou o Fabrício, e eu ergui a sobrancelha. – O coitado não pode partilhar o que sente com ninguém, porque ninguém vai entendê-lo. Ele não escuta amigos nem familiares, porque nenhum conselho será pertinente. Se disserem que é melhor reduzir a velocidade dos fatos, ele achará que as pessoas

estão com inveja ou que não conhecem a felicidade.

E como se evita isso? Como se foge de tanta cegueira, de tanta obsessão e insensatez? Talvez o Mário Corso, meu psicanalista favorito, saiba a resposta.

Liguei para ele.  
– Algumas habilidades psíquicas, que vão chegando com a experiência de vida, ajudam a minimizar esses efeitos – disse o Mário, e eu pedi para ele explicar: – Com a sabedoria, aprende-se a idealizar menos o objeto amado. Mas geralmente essa prudência vem quando já temos uns 70 anos.

Que coisa triste. O Carpinejar costuma dizer que a paixão é tão doentia, que os doentes se telefonam só para compartilhar seus sintomas.

– Eu tô sentindo isso!  
– Eu também sinto isso!  
E só interessa isso: o que eles sentem. Os garçons querem expulsá-los, porque já são seis da manhã, mas eles não percebem; as cadeiras já estão sobre as mesas, mas eles não percebem; a rua é perigosa demais para namorar no carro, mas eles não percebem; familiares sentem saudade, mas eles não percebem; a vida tem outros encargos, mas eles não percebem. Meu

Deus do céu, não é a coisa mais horrível do mundo?

– Não – disse o Mário Corso, e eu pensei ué. – A paixão nos faz sentir vivos. Apaixonar-se é um antidepressivo natural, existe uma razão para viver, uma euforia, um foco, um objetivo. Pior do que sentir essa coisa ruim é nem poder senti-la. Será?

Bem, faz sentido, imagine a pobreza emocional de quem é incapaz de se apaixonar. Porque, de fato, o Mário está certo nisso: correspondido ou não, todo mundo sai de uma paixão maior do que entrou. A paixão nos faz mergulhar no universo do outro, percorrer caminhos que não conhecíamos e, portanto, aprender com o rastro que a pessoa deixou – nem que seja um rastro de devastação, mas é nesse rastro que a gente cresce.  
– Eis o maior paradoxo dos relacionamentos: a paixão é o momento de ser louco, mas logo ali adiante, para virar amor, tudo o que a gente quer é o equilíbrio – sorriu o Carpinejar.

Não há muito o que fazer, pelo jeito. O melhor mesmo é viver por inteiro o pior sentimento do mundo, sempre com a certeza idiota de que nada pode ser melhor do que sentir-se assim.

### AJURIS RESPONDE

*O presidente da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul (Ajuris), Gilberto Schäfer, escreveu uma resposta à minha coluna publicada na semana passada. Segue a íntegra do texto:*

Sr. jornalista Paulo Germano.

Na edição do fim de semana 7 e 8/10, em seu artigo de página inteira no caderno DOC da prestigiosa ZH, intitulado *O Juiz Tagarela*, o senhor coloca nesta condição, equivocadamente, o magistrado José Antônio Coitinho, sob o argumento de que ele “ignorou a existência de qualquer lei” para decidir a respeito da proibição ou não de uma peça teatral.

Coitinho, de fato, não citou artigos de lei e fez questão de deixar isso expresso em sua decisão – por sinal, aplaudida por amplo e esclarecido espectro da sociedade, dentro do qual o senhor diz se situar. Contudo, fielmente, o juiz aplicou a Constituição Federal. O senhor há de convir que há uma evidente diferença entre “não citar” uma lei e “não aplicar” uma lei.

Ao garantir a liberdade de expressão, o magistrado aplicou o artigo 5º, IV, IX, da Constituição Federal. Ao impedir a discriminação e o preconceito, encontrou amparo no artigo 3º, IV, da CF. Ao estabelecer que todos são iguais, convocou o artigo 5º, caput, CF. Para o juiz, havia um argumento maior, calcado na liberdade de expressão do pensamento, prevista constitucionalmente, que dispensava a citação de artigos de lei ordinária.

Estranhamente, ao invés de destacar os aspectos positivos da decisão que disse ter sido “salutar”, o senhor não só desprezou-os como apegou-se a um factóide para afrontar, a começar pelo título do artigo, nada respeitoso, para dizer o mínimo. Por isso, respeitosamente, a AJURIS solicita espaço em sua coluna para registrar a sua inconformidade, reafirmar a correção técnica da decisão do magistrado e rechaçar crítica que busque tolher a liberdade de um juiz expressar seu pensamento.

Atenciosamente,

Gilberto Schäfer, presidente da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul – AJURIS